

“Catálogo Exposição Arte/Brasil/Hoje - 50 anos depois”

PONTUAL, Roberto. 30 de novembro a 30 de dezembro de 1972, Galeria Collectio.

O desenvolvimento do trabalho de Maurício Nogueira Lima, ao longo das duas últimas décadas, pode ser situado em paralelo com o de Waldemar Cordeiro, distanciando-se apenas nas suas consequências mais recentes. De fato, ambos estiveram entre os primeiros de nossos artistas a absorver, após a I Bienal de São Paulo, em 1951, a nova linguagem da arte concreta, então emergente entre nós; durante muitos anos, pesquisaram-na com disciplina e rigor, sem se interessar pela contestação da base construtiva matemática, que o neoconcretismo viria trazer no fim daquela década. Ambos incorporariam também, numa contradição de rumo que era apenas aparente, a retomada da figuração nos primeiros anos da década seguinte, segundo influência oriunda da pop-art norte-americana; para Nogueira Lima, a atividade profissional no campo da publicidade forneceu base e atração suficiente no sentido desse novo encaminhamento, onde o rigor permanece, sob outro aspecto: "A figura para mim não tem o mesmo sentido que tem para uma artista expressionista. O desenho de um rosto ou outra coisa qualquer equivale a um design. A figura tem que ser conhecida: a bota do Batman, o ballom. A comunicação é a única coisa que importa, comunicação industrial, moderna. Minha arte é a pragmática no sentido da comunicação. Antes eu era mais sintático. Hoje, preocupa-me a semântica", dizia ele em 1967. No entanto, após essa fase de quase apropriação do folclore urbano, e enquanto Cordeiro se deslocava para as pesquisas no âmbito da eletrônica e cibernética, Maurício Nogueira Lima retomou seu antigo interesse pela abstração despojadamente geométrica, de acordo com a linguagem atual da op-art e dos efeitos

cinéticos virtuais. Tensões rítmicas e cromáticas de percepção constituem os problemas que agora o atraem.

